

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento Geográfico 3

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento geográfico 3 [recurso eletrônico] /
Organizadora Ingrid Aparecida Gomes. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2018. – (A Produção do Conhecimento
Geográfico; v. 3)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-85107-80-2
DOI 10.22533/at.ed.802181211

1. Ciências agrárias. 2. Percepção espacial. 3. Pesquisa agrária
– Brasil. I. Gomes, Ingrid Aparecida. II. Série.

CDD 630

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “A Produção do Conhecimento Geográfico” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, apresenta, em seus 15 capítulos, discussões de diferentes vertentes da Geografia humana, com ênfase na epistemologia e gênero. A Geografia humana engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas atuais. Esta ciência geográfica estuda as diversas relações existentes (sociais, gênero, econômicas e ambientais), no desenvolvimento cultural e social.

A percepção espacial possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes, resultando na construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio, e, portanto, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes nessas áreas.

A ideia moderna da Geografia humana, refere-se a um processo de mudança social geral, formulada no sentido positivo e natural, temporalmente progressivo e acumulativo, segue certas regras e etapas específicas e contínuas, de suposto caráter universal. Como se tem visto, a ideia não é só o termo descritivo de um processo, e sim um artefato mensurador e normalizador das sociedades, tais discussões não apenas mais fundadas em critérios de relação de trabalho, mas também são incluídos fatores econômicos, naturais, tecnológicos e gênero.

Neste sentido, este volume dedicado a Geografia humana, apresenta artigos alinhados com a epistemologia e o gênero. A importância dos estudos geográficos dessas vertentes, é notada no cerne da ciência geográfica, tendo em vista o volume de artigos publicados. Nota-se também uma preocupação dos geógrafos em desvendar a realidade dos espaços escolares.

Os organizadores da Atena Editora, agradecem especialmente os autores dos diversos capítulos apresentados, parabenizam a dedicação e esforço de cada um, os quais viabilizaram a construção dessa obra no viés da temática apresentada.

Por fim, desejamos que esta obra, fruto do esforço de muitos, seja seminal para todos que vierem a utilizá-la.

Ingrid Aparecida Gomes

SUMÁRIO

PANORAMAS TEÓRICO-METODOLÓGICOS EM GEOGRAFIA HUMANA

| | |
|---|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS: A ESCALA DIALÉTICA UNIVERSAL – PARTICULAR–SINGULAR NO CONTEXTO DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO ¹ | |
| Átila de Menezes Lima | |
| João César Abreu de Oliveira Filho | |
| CAPÍTULO 2 | 13 |
| A CONCEPÇÃO DE MÉTODO EM RICHARD HARTSHORNE | |
| Wesley de Souza Arcassa | |
| CAPÍTULO 3 | 28 |
| A IMPORTÂNCIA DA CONEXÃO KANT-HETTNER-HARTSHORNE À HISTÓRIA DA GEOGRAFIA | |
| Wesley de Souza Arcassa | |
| CAPÍTULO 4 | 44 |
| O HORIZONTE HUMANISTA NA GEOGRAFIA E A FENOMENOLOGIA: O PROBLEMA DA “FENOMENOLOGIA GEOGRÁFICA” | |
| Josimar Monteiro Santos | |
| Luís Carlos Tosta dos Reis | |
| CAPÍTULO 5 | 53 |
| OS CAMINHOS DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO: DA ANTIGUIDADE AO SÉCULO XXI. | |
| João Henrique Santana Stacciarini | |
| Laira Cristina da Silva | |
| CAPÍTULO 6 | 60 |
| UMA ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA DO DISCURSO CIENTÍFICO DA GEOGRAFIA E A PROBLEMÁTICA ECONÔMICA DO ESPAÇO: BASES FILOSÓFICAS, ECONÔMICAS E SOCIAIS ¹ | |
| Mariza Ferreira da Silva | |
| Luis Lopes Diniz Filho | |
| CAPÍTULO 7 | 71 |
| PERSPECTIVAS EPISTÊMICAS NOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS CONTEMPORÂNEOS. | |
| Jacy Bandeira Almeida Nunes | |
| Antônio Carlos Vitte | |
| CAPÍTULO 8 | 80 |
| CRÍTICO E CONSERVADOR: UMA ANÁLISE DE OS <i>PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS</i> DE YVES LACOSTE | |
| José Arnaldo dos Santos Ribeiro Junior | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 9 | 91 |
| PERCEÇÃO DO ESPAÇO E A PAISAGEM: UM DIÁLOGO ENTRE AS GEOGRAFIAS CRÍTICA E HUMANISTA | |
| Gabriel Augusto Coêlho de Santana Rodrigo Dutra Gomes | |
| CAPÍTULO 10 | 101 |
| A CIDADE DAS MULHERES FEMINISTAS: UM ESTUDO SOBRE GOIÂNIA (GO) | |
| Talita Cabral Machado | |
| CAPÍTULO 11 | 111 |
| IGUALDADE DE OPORTUNIDADES NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO SOB UMA PERSPECTIVA ESPACIAL | |
| Geórgia Fernandes Barros Ana Maria Hermeto Camilo de Oliveira Pedro Vasconcelos Maia do Amaral | |
| CAPÍTULO 12 | 130 |
| A PERCEÇÃO DAS MULHERES QUILOMBOLAS SOBRE OS ESPAÇOS VIVIDOS NAS COMUNIDADES MOURA E BOA VISTA, ORIXIMINÁ-PA: UMA ANÁLISE DE GÊNERO. | |
| Maria Consuêlo Moreira | |
| CAPÍTULO 13 | 139 |
| A LUTA E RESISTÊNCIA DAS LIDERANÇAS FEMININAS DO MNLM NA OCUPAÇÃO NOVA SANTA MARTA NO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA-RS | |
| Ana Justina da Fonseca Ziegler Benhur Pinós da Costa | |
| CAPÍTULO 14 | 149 |
| TERRITÓRIO E GÊNERO NO CERRADO GOIANO: OS SABERES TRADICIONAIS DAS MULHERES CERRADEIRAS E SUAS RESISTÊNCIAS DIANTE DA EXPANSÃO CAPITALISTA | |
| Josie Melissa Acelo Agrícola Evandro César Clemente Nestor Persio Alvim Agrícola | |
| CAPÍTULO 15 | 159 |
| “É A ÁGUA DO RIO QUE A GENTE USA PRA TUDO”: AS MULHERES RIBEIRINHAS DA COMUNIDADE DE NAZARÉ-RO E A RELAÇÃO COM AS ÁGUAS DO RIO MADEIRA | |
| Rúbia Elza Martins de Sousa Rita de Cássia Evangelista dos Santos | |
| SOBRE A ORGANIZADORA | 168 |

“É A ÁGUA DO RIO QUE A GENTE USA PRA TUDO”: AS MULHERES RIBEIRINHAS DA COMUNIDADE DE NAZARÉ-RO E A RELAÇÃO COM AS ÁGUAS DO RIO MADEIRA

Rúbia Elza Martins de Sousa

Universidade Federal de Goiás, Instituto de
Estudos Socioambientais - IESA

Goiânia – Goiás

Rita de Cássia Evangelista dos Santos

Instituto Federal de Educação Ciência e
Tecnologia da Bahia – IFBA

Barreira - Bahia

RESUMO: Nas comunidades ribeirinhas observa-se estreita relação entre as mulheres e o rio, sendo este importante elemento natural que está vinculado aos elementos culturais que constituem o modo de vida. Este trabalho é parte da pesquisa de doutoramento que está sendo desenvolvida na comunidade ribeirinha de Nazaré, localizada na região do Baixo Madeira, há aproximadamente 120 km do município de Porto Velho, capital do Estado de Rondônia. O objetivo deste artigo é identificar como o Rio Madeira está relacionado ao modo de vida e à configuração do lugar das mulheres desta comunidade. Os procedimentos metodológicos utilizados foram a pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo, com observação participante e entrevista. Diante das análises e observações realizadas em Nazaré, consideramos que o Rio Madeira está intimamente relacionado à configuração do lugar, estruturando a sociabilidade cotidiana e o modo de vida das mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Rio Madeira; mulheres ribeirinhas; modo de vida.

ABSTRACT: In the riverside communities there is a close relationship between women and the river, and this important natural element is linked to the cultural elements that constitute the way of life. This work is part of the PhD research that is being developed in the riverside community of Nazaré, located in the region of Baixo Madeira, approximately 120 km from the city of Porto Velho, capital of the State of Rondônia. The objective of this article is to identify how the Madeira River is related to the way of life and the place's configuration of this community's women. The used methodological procedures were, bibliographical research, field research, with participant observation and interview. In front of the analysis and observations made in Nazaré, we consider that the Madeira River is closely related to the place's configuration, structuring the daily sociability and the women's way of life.

KEY-WORDS: Madeira River; riverside women; way of life.

1 | INTRODUÇÃO

Para as comunidades ribeirinhas amazônicas o rio é considerado um elemento

natural fundamental na constituição da cultura, configurando o lugar como espaço de vida que é simbolicamente delimitado e estreitamente ligado às experiências destes indivíduos.

Neste sentido, em específico para as mulheres ribeirinhas, o rio é repleto de significados, possuindo estreito vínculo com o cotidiano e modo de vida local, visto que é essencial ao desenvolvimento dos afazeres domésticos, da atividade agrícola, do lazer, da subsistência da família, de forma que dá sentido ao ser e ao existir no interior das terras amazônicas.

A relação dessas mulheres com as águas do rio revela os sentidos e as formas de ser viver no espaço tradicional ribeirinho, sendo o rio considerado fonte de vida e de significados que se organizam em torno de profundos sentimentos de intimidade.

Este trabalho é parte da pesquisa de doutoramento que vem sendo desenvolvida na comunidade ribeirinha de Nazaré, localizada na margem esquerda do Rio Madeira, na região do Baixo Madeira, há aproximadamente 120 km do município de Porto Velho, capital do Estado de Rondônia.

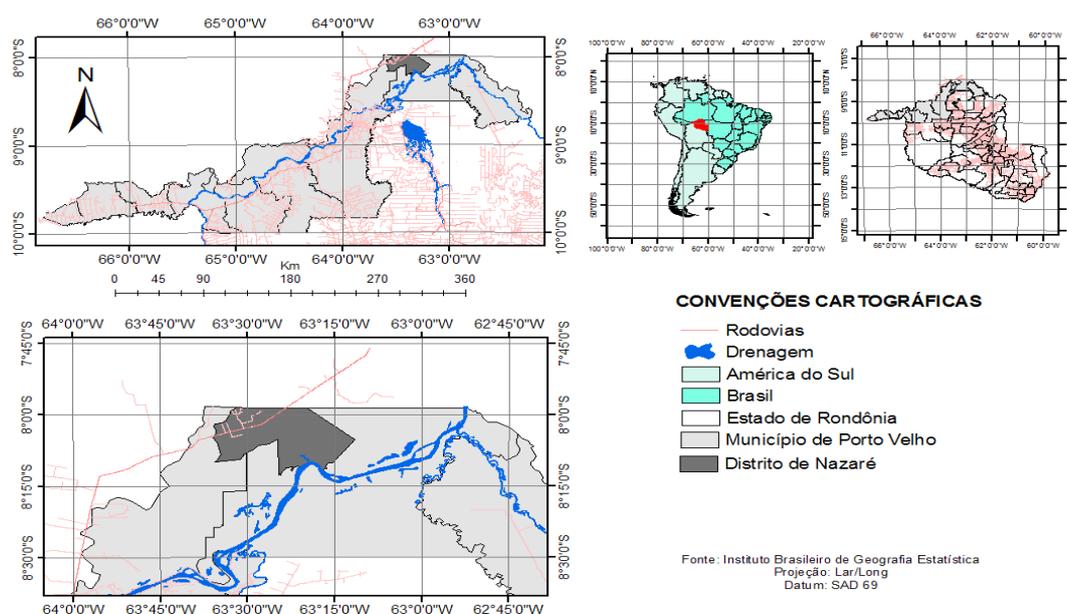


Figura 1 - Localização da comunidade de Nazaré

Fonte: IBGE - Org. CRUZ, L. M (2013).

Temos como objetivo neste artigo identificar como o Rio Madeira está relacionado ao modo de vida e à configuração do lugar das mulheres desta comunidade.

Metodologicamente a pesquisa se constitui de caráter qualitativo e os procedimentos metodológicos utilizados foram: pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo com observação participante e entrevista com quatro mulheres. Salienta-se que o critério de seleção destas mulheres se deu mediante o tempo de moradia na comunidade.

Diante da compreensão de que o Rio Madeira, é um elemento natural que, para

além de um componente da paisagem, é considerado fonte de vida é que nossa reflexão enfocará duas questões centrais, sendo a primeira voltada a analisar o Rio Madeira como importante componente do lugar, e a segunda buscará refletir sobre o modo de vida destas mulheres e sua relação com as águas do rio.

2 | O RIO COMO IMPORTANTE COMPONENTE DO LUGAR

As comunidades ribeirinhas organizam o seu modo de vida de acordo com o movimento das vazantes e das cheias dos rios, possuindo uma forma própria de organizar o lugar. As estratégias de sobrevivência dos(as) ribeirinhos(as) não estão baseadas apenas na terra como elemento físico que propicia o subsídio material para família, mas também na água com fonte de sustento e receptáculo de vida.

Agra (2015) ao estudar comunidades ribeirinhas amazônicas, faz a seguinte afirmação:

[...] os sentidos desses seres humanos amazônicos, além de dar à água um espaço privilegiado, também permitem, por meio de suas memórias e sua identidade, apreciar o seu mundo vivido e fazer do espaço de vivência cercado de água o seu lugar (AGRA, 2015, p.187).

O rio é um elemento presente na configuração dos sujeitos e no tecido social destas comunidades, tornando o espaço ribeirinho diferenciado em relação aos demais que estão situados no meio rural, pois configura-se de modo distinto, devido às formas de apropriação e utilização do espaço e dos recursos que o compõem.

Para Tocantins (1973, p. 280) o rio e o ser humano “[...] são os dois mais ativos agentes da Geografia Humana da Amazônia. O rio enchendo a vida [...] de motivações psicológicas, o rio imprimindo à sociedade rumos e tendências, criando tipos característicos na vida regional”.

Nas comunidades ribeirinhas amazônicas é possível identificar um sentimento topofílico que une o rio aos seres humanos em um movimento dialético que permeia a cultura, as ações cotidianas, as relações sociais e a relação com a própria natureza. Tuan (2012), ao discutir o termo topofilia apresenta-o como um vínculo físico e emocional do lugar, no sentido de que este é um “repositório de lembranças” que gera familiaridade e, por conseguinte, afeição.

Neste sentido, entendemos que a topofilia, enquanto conceito difuso e radicado na experiência da pessoa com o lugar, reflete as formas pelas quais o ser humano se relaciona e responde ao meio, seja por apreciação visual, contato corporal e/ou por sentimentos de familiaridade. No caso específico deste estudo, a topofilia se expressa no vínculo afetivo e na relação de dependência das comunidades ribeirinhas em relação ao rio.

Este elo simbólico e topofílico que conecta o rio às comunidades ribeirinhas está tanto no campo físico-espacial, pois este é um elemento da paisagem natural fundamental para o transporte nessa região, como no campo social, pois de acordo

com Cruz (2007, p. 26) o rio “[...] é o meio e a mediação das tramas e dos dramas sociais que constituem o modo de vida ribeirinho com seus saberes, fazeres e sociabilidades cotidianas”.

O movimento do rio segue um ritmo obediente às estações do ano, com tempo certo de chegar. É diante desta dinâmica regular que os ribeirinhos criaram estratégias de adaptação a esta realidade. Os mecanismos estratégicos instituídos por uma forma de saber-fazer ligada ao tempo/espaço regula o calendário agrícola local, assim como o cronograma anual dos festejos que celebram a cultura e a religiosidade ribeirinha.

Esse espaço das águas, dos fluxos de cheias e vazantes permeia o sentido que a comunidade dá ao ser/estar no mundo, a partir desta forte identificação com os elementos naturais que compõe o lugar, em especial, o rio, como elemento que é fonte essencial que traz vitalidade e dinamismo à vida.

É deste entendimento de que a água do rio é fonte de vida para essas comunidades é que compreendemos sua importância para as mulheres ribeirinhas como fonte de significado para sua existência, articulando elementos e características espaciais que estão intimamente ligados ao modo de vida que tradicionalmente foi concebido e estruturado neste espaço.

3 | MODO DE VIDA DAS MULHERES E A RELAÇÃO COM O RIO MADEIRA

O mundo vivido das mulheres da comunidade de Nazaré, assim como grande parte das mulheres que vivem no espaço rural, ainda é marcado pelo patriarcalismo e pelo empenho nas atividades agrícolas, mas, as ribeirinhas possuem peculiaridades que as diferenciam das demais mulheres que vivem no campo e, estas estão ligadas, à presença do rio, como importante componente do lugar.

O rio, segundo Cruz (2007) é visto como um espaço físico-natural que concentra uma série de funções que ora manifestam-se de forma materializada, ora como produtor de elementos subjetivos que povoam o imaginário ribeirinho.

A relação destas mulheres com rio é expressa por meio de uma “geograficidade” que revela os sentidos do viver no espaço ribeirinho, sendo este marcado por enfrentamentos, desafios diários e, resiliência. É neste cenário onde os elementos naturais se imbricam com as experiências sociais, que as ribeirinhas dão significado à sua existência no mundo.

Como outrora mencionado, Nazaré localiza-se às margens do Rio Madeira, sendo que à margem direita está o Córrego chamado Boca do Furo, limitando os territórios da comunidade de Nazaré e Boa Vitória e, adentro da comunidade, encontra-se outro Córrego que recebe o nome de Cura Ressaca.

Na comunidade estudada há água encanada em quase todas as residências, porém, muito embora a água seja um recurso abundante na localidade, os moradores já há alguns anos enfrentam dificuldades de acesso à água devidamente tratada para o consumo e utilização doméstica. Este problema em parte foi resolvido com a

instalação de uma rede de captação de água.

Atualmente a dificuldade consiste no fato de que essa rede de captação implantada não foi suficiente para atender a comunidade de modo adequado, visto que não abastece as residências com a quantidade necessária, além do fato de que não há uma rede de tratamento que trate a água para consumo. Deste modo, é comum que em algum(uns) momento(s) do dia as famílias fiquem sem acesso à água encanada e, utilizem água mineral para beber ou façam o uso de componentes químicos para tratar as impurezas, fato apresentado na fala de uma das entrevistadas:

[...] é a água do rio que a gente usa pra tudo, a gente não tem água tratada, [...] nós temos água encanada entre aspas, mas a água do jeito que ela vem do igarapé ela vai direto pras casas, em casa, no domicílio cada um faz o seu tratamento, inclusive tem gente que nem trata, entendeu? Manda direto pra cima e aquele barro e pronto! E a água do rio tu sabe ela é muito barrenta, muito suja e tem gente que usa assim mesmo, inclusive até para cozinhar. Aqui em casa não, aqui em casa a gente decanta ela na caixa embaixo, coloca sulfato de alumínio aí depois coloca pra cima, pra caixa de cima pra poder limpar ela, ao menos tirar um pouco do barro (JAQUELINE, agosto, 2016).

Durante nossa vivência junto à comunidade, seja na estadia em pousadas ou nas casas dos(as) residentes locais, fomos alertados(as) para a necessidade de economizar durante os banhos e demais atividades que necessitassem da água, visto que o uso demasiado poderia prejudicar outras pessoas, que porventura, necessitassem utilizá-la. O paradoxo abundância-escassez é uma realidade vivida cotidianamente em Nazaré, pois a água enquanto elemento abundante na paisagem ribeirinha ao ser captada e levada às residências torna-se escassa.

Para as mulheres ribeirinhas de Nazaré o rio se apresenta como importante elemento da experiência cotidiana, uma vez que traz marcas simbólicas que constituem uma espacialidade específica.

O patriarcalismo ainda é uma realidade presente em Nazaré, dado o enraizamento dos valores que sustentam este sistema social nesta comunidade. Deste modo, as mulheres são as responsáveis pelo cuidado dos filhos, bem como pelos afazeres domésticos, enquanto os homens são identificados como aqueles que provêm o sustento material para o lar. Sendo assim, identificamos que associado às atividades domésticas e cuidado com os filhos, o rio aparece como fator de importância na vida destas mulheres, pois é um dos mais relevantes recursos que possibilita a realização destes afazeres, fazendo parte, portanto, de suas experiências cotidianas.

O rio, contudo, se apresenta como importante na vivência destas mulheres, no que tange aos afazeres domésticos, pois em Nazaré toda água utilizada para a realização de tais tarefas é proveniente do rio, como retratado na fala da colaboradora da pesquisa. Afazeres como lavar roupa, louças, a limpeza da casa e a cocção das refeições diárias são atividades que se realizam diariamente.

Assim, entendemos que a água do rio traz para estas mulheres uma conotação cultural/funcional. Propomos estes dois eixos estruturantes apenas para fins analíticos,

pois compreendemos que na realidade empírica eles não estão dissociados, mas sim imbricados em um conjunto de práticas e experiências espaciais.

A dimensão cultural a que nos referimos, neste contexto específico, está relacionada à atribuição das tarefas domésticas às mulheres, como princípio que organiza e constitui a dinâmica cultural do espaço tradicional ribeirinho, uma vez que este está carregado de princípios que são ditados a partir da lógica patriarcal, sendo esta, segundo Saffioti (2015), apoiada em um sistema hierárquico de relação que apresenta uma estrutura de poder baseada em uma ideologia.

O aspecto funcional, também denominado por Cruz (2006), como “práticas espaciais materiais”, por sua vez, fundamenta-se na materialização do Rio Madeira com um elemento essencial à manutenção das famílias. O rio, neste contexto, se constitui como recurso, no sentido de função voltada à sua importância e ampla influência na execução das atividades no âmbito doméstico.

Consideramos que, especificamente, esta significação cultural/funcional do Rio Madeira para as mulheres não é vivenciada e experienciada pelos homens, visto que as funções domésticas não fazem parte do cotidiano e nem mesmo são notadas como tarefas que possuem relevância no contexto espacial. Assim sendo, para estes essa atribuição dada ao rio não tem significado e não faz sentido por não fazer parte de suas experiências diárias.

Durante nosso tempo de estudo na comunidade identificamos que outro aspecto que apresenta a estreita relação do Rio Madeira com o modo de vida das mulheres de Nazaré esta na atividade pesqueira. Na comunidade esta é praticada em grande parte pelos homens, mas as mulheres também a praticam como atividade associada ao lazer, de forma que é comum ouvir narrativas de mulheres que dizem estar cansadas da lida diária e na busca por conter o cansaço encontram na pesca uma forma de revitalização da força física e mental.

Nascimento Silva (2004, p.36) corrobora essa constatação que fizemos na comunidade pesquisada ao afirmar que:

A responsabilidade da pesca é sempre do chefe de família, ou do filho mais velho (quando adulto); quando as mulheres e as crianças pescam é apenas para o consumo, sempre próximo da casa, nas margens dos rios, lagos ou igarapés, geralmente usam o caniço ou linhada e raramente aventuram-se a águas perigosas que são as profundas ou as que possuem banzeiro.

De fato, como a autora supracitada afirma, as mulheres com as quais tivemos contato nos afirmaram que pescam em áreas próximas a comunidade, pois o distanciamento torna-se perigoso. Algumas delas afirmaram que utilizam a canoa para deslocar-se para áreas onde há maior incidência de peixe, mas normamente não o fazem sozinhas, sempre há uma companheira de pesca que as acompanha, inclusive uma das entrevistadas afirmou que – antes de ficar doente – havia parado de pescar, pois sua companheira mudou-se para outra localidade.

Dona Nazaré, uma das senhoras que tivemos a oportunidade de conhecer no

início de 2012 e revê-la em 2015, nos contou sobre sua companheira de pesca, dona Francisca, vizinha de lote. Segundo Nazaré, em momentos de estresse e cansaço, as duas se deslocavam em sua canoa a locais próximos a comunidade para juntas pescarem. Percebe-se que os laços de amizade entre as mulheres tem estreito vínculo com as águas do Rio Madeira como espaço de lazer e convívio.

Associado ao desenvolvimento da pesca como lazer está o fato de que esta atividade é considerada de suma importância para a subsistência familiar, uma vez que a dieta alimentar dos(as) ribeirinhos(as) é baseada na carne do peixe. Assim, as mulheres enquanto encontram na pesca um subterfúgio de recreação e pausa nas ocupações domésticas e agrícolas, também a reconhecem com fonte de sustento para a família.

Diante desta questão, uma de nossas entrevistadas ao ser questionada quanto à prática da pesca e, se as mulheres da comunidade a realizam, deu a seguinte resposta: “Pesco, pesco [...] elas pescam também, tem muitas que gostam de pescar” (MARGARIDA, agosto, 2016). Questionamos ainda se as mulheres pescam para comercialização e segundo a narrativa de dona Margarida algumas delas pescam para “ajudar” o marido, como pode ser observado nesta fala: “[...] tem umas que ainda pesca, mas isso é algumas que ajudam o marido né, algumas, a maioria é só pra comer mesmo”.

Outra de nossas entrevistadas devido a sérios problemas de saúde não tem realizado diversas atividades, inclusive as domésticas, mas ainda assim no decorrer de nossa conversa questionamos se ela pescava em período anterior ao seu problema de saúde e, ela nos respondeu que “pescava muito” e que a atividade estava relacionada ao lazer, como pode ser verificado em sua fala: “De lazer, não, era mais era esporte mesmo, mais era lazer. Pescar e fazer o caldinho pra nós tomar” (JAQUELINE, agosto, 2016).

Em pesquisa realizada em Nazaré, Lopes (2013) afirma que entre as mulheres entrevistadas – o universo desta pesquisa foram onze mulheres – 29% apresentaram a pesca como profissão, sendo que destas algumas – não foi dado número exato na pesquisa – têm carteira profissional da pesca que foi tirada na própria localidade a partir da atuação do Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA – por meio do Programa Nacional da Trabalhadora Rural – PNDTR. Mas, diante das narrativas obtidas durante as entrevistas e, das análises realizadas, esta pesquisadora chegou à conclusão que mesmo com a carteira de pesca as mulheres não atuam nesta profissão, pois dedicam grande parte do seu tempo as atividades domésticas, encontrando na pesca apenas uma atividade de lazer.

É possível identificar que mesmo que a prática da pesca para a maior parte das mulheres não se direcione a fins econômicos, elas se identificam como pescadoras, pois mesmo que a atividade se constitua como lazer, elas provêm o alimento para a família.

Verifica-se, desta forma, que a pesca é uma atividade que faz parte do cotidiano

das mulheres na comunidade pesquisada, constituindo-se elemento fundamental do modo de vida local, além de exprimir a conexão tofílica com as águas do Rio Madeira.

As mulheres de Nazaré, além da atividade doméstica, também lidam com a produção agrícola, indo para o campo desempenhar atividades de plantio e colheita, além de, em alguns casos, também serem as responsáveis pelo beneficiamento dos produtos agrícolas produzidos na comunidade.

Deste modo, encontramos depoimentos de mulheres que junto ao marido se empenham na lavoura, como demonstrado nesta fala colhida durante uma das entrevistas: “[...] a gente trabalhava na agricultura né [ela e o esposo], sempre a gente criou nossos filhos trabalhando, fazer quinem meu marido, na roça mesmo! No duro! Eu ia pra roça [...] Eu consegui minha aposentadoria como agricultora [...] (FÁTIMA, agosto, 2016)”.

É no contexto da atividade agrícola que identificamos outra questão que permeia o vínculo estabelecido entre as águas do Rio Madeira e o modo de vida das mulheres estudadas. Embora esta atividade esteja intimamente ligada a terra, em Nazaré a fertilidade do solo é atribuída à água, como está indicado na narrativa de uma entrevistada:

[...] tudo que você planta aqui nessa terra aqui dá, negócio de verdura, só se você não quiser plantar, então um significado muito bom pra nós, quem é beradeiro né, que mora aqui no interior. Você planta maxixe dá, você planta tomate dá, tudo que você planta dá e, nós ir pra dentro de uma terra firme você não vai ter esse privilégio né, que é diferente a terra lá [...] (FÁTIMA, agosto, 2016).

Diante da fala acima, constatamos que a prática da agricultura também possui conexão com o Rio Madeira, visto que, como apresentado, é por meio deste que o solo da comunidade é considerado fértil, fato que favorece a produção de culturas agrícolas.

Outro fator que deve ser mencionado é que um dos principais produtos agrícolas cultivados em Nazaré é a melancia e, esta é plantada à margem do Rio Madeira, pois segundo os(as) moradores(as) da comunidade, essa cultura necessita de irrigação e, como estão em um ambiente privilegiado pela abundância de água, utilizam parte da beira-rio para a produção.

Desta forma, verificamos que o Rio Madeira, ainda que de modo indireto, está relacionado com a atividade agrícola desenvolvida também pelas mulheres, já que a esse é atribuída a responsabilidade pela fertilidade do terreno, bem como pela irrigação das plantações.

Diante das questões apresentadas e analisadas é possível afirmar que o Rio Madeira é um dos referenciais e o diferencial que organiza o espaço e a cultura de Nazaré, sendo a marca de múltiplas vivências que se manifestam na espacialidade vivida pelas mulheres neste interstício água-terra.

No entanto, práticas espaciais que estruturam o modo de vida das mulheres de

Nazaré representam uma relação dialética com o Rio Madeira, que ora se apresenta no campo funcional, materializado como útil para o viver cotidiano da “dona de casa” e, ora é referenciado no aspecto subjetivo ligado à cultura, ou seja, a manifestação do ser – pescadora e agricultora.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do Rio Madeira, aquele que serpenteia por terras amazônicas e esconde em seus meandros ondulantes os grandes mistérios da floresta, é que as mulheres ribeirinhas da comunidade de Nazaré construíram um lugar de vida, com um modo de viver que está em total conexão com o espaço das águas.

Entendemos que o rio e, especificamente, o Rio Madeira está vinculado aos elementos culturais que constituem o modo de vida e o cotidiano das mulheres de Nazaré. O ser dona de casa, pescadora e agricultora, possui íntima relação com este elemento natural, além de que os saberes e fazeres estão permeados por estes vínculos estabelecidos.

Contudo, perante as análises e observações realizadas na comunidade pesquisada, consideramos que o Rio Madeira, é um elemento natural que, para além de um componente da paisagem, estrutura a sociabilidade cotidiana e o modo de vida das mulheres, sendo considerado como elemento essencial à vida.

REFERÊNCIAS

AGRA, Klondy **Lúcia de Oliveira. Águas da Amazônia: sentidos, percepções e representações.** Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná – UFPR, 2015.

CRUZ, Valter Carmo. **Pela outra margem da fronteira: território, identidade e lutas sociais na Amazônia.** Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense (UFF), 2006.

_____. Itinerários teóricos sobre a relação entre território e identidade. In: BEZERRA, Amélia Cristina Alves. et. al. (Orgs). **Itinerários Geográficos.** Niterói. EdUFF, 2007. p. 93-122.

LOPES, Luciane Gomes. **Vivência espacial das mulheres ribeirinhas: os espaços paradoxais do Distrito de Nazaré.** Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho, 2013.

NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças Silva. **Parteiras ribeirinhas: saúde da mulher e o saber local.** Tese (Doutorado em Ciência Sócio-Ambiental e Desenvolvimento Sustentável) – Núcleo de Altos Estudos da Amazônia, Universidade Federal do Pará (UFPA), 2004.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência.** 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1973.

TUAN, Yi Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 2012.

SOBRE A ORGANIZADORA

INGRID APARECIDA GOMES Bacharel em Geografia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2008), Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado em Gestão do Território da Universidade Estadual de Ponta Grossa (2011). Atualmente é Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Foi professora colaborada na UEPG, lecionando para os cursos de Geografia, Engenharia Civil, Agronomia, Biologia e Química Tecnológica. Também atuou como docente no Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais (CESCAGE), lecionando para os cursos de Engenharia Civil e Arquitetura e Urbanismo. Participou de projetos de pesquisas nestas duas instituições e orientou diversos trabalhos de conclusão de curso. Possui experiência na área de Geociências com ênfase em Geoprocessamento, Geotecnologia, Geologia, Topografia e Hidrologia.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-80-2

